

**O PRONOME *NENHUM*
E A DUPLA NEGAÇÃO PORTUGUESA
UMA TRAJETÓRIA DE GRAMATICALIZAÇÃO?**

Adriana dos Santos Souza (UEM)

Maria Regina Pante (UEM)

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Os estudos sobre gramaticalização têm sido de grandiosa valia quando se pretende explicar mudanças lingüísticas. Atualmente, no Brasil, muitas pesquisas utilizam esses embasamentos teórico-funcionais a fim de explicar mudanças na língua portuguesa.

Uma dessas mudanças verificadas no português atual é a dupla negação. A negação canônica refere-se ao uso de apenas um elemento com valor semântico na sentença. Entretanto verifica-se a ocorrência de dois elementos semanticamente negativos em um mesmo sintagma verbal, dos quais um deles, geralmente o advérbio *não*, vem acompanhado do pronome *nenhum*. Considerando a língua falada, a dupla negação realiza-se também com o emprego de dois *nãos*, um pré e outro pós-verbal.

A inquietação deste trabalho reside no fato de que a dupla negação realizada com a presença do pronome indefinido *nenhum* poderia ser explicada por meio do fenômeno da gramaticalização. Com o intuito de verificar essa hipótese, este artigo observa a ocorrência atual da forma *nenhum* frente a uma análise dos seus correspondentes arcaicos *nulho* e *nen hun*, encontrados em cantigas trovadorescas. A esses dados, busca-se aplicar os princípios ou camadas postuladas por Hopper.

BREVE ABORDAGEM SOBRE O FUNCIONALISMO

As limitações do gerativismo em determinadas áreas de pesquisa levaram os lingüistas a buscarem outras alternativas, como Traugott, que encontrou no processo de gramaticalização explicações para a mudança lingüística estudada por ela.

Na década de 1970, o termo funcionalismo, conforme Martelotta (2003), passa a ter mais prestígio nos Estados Unidos, com os

lingüistas Sandra Thompson, Paul Hopper e Talmy Givón. Para eles, a lingüística baseada no uso revela uma sintaxe cuja estrutura muda constantemente ante o discurso.

Givón (*apud* MARTELOTTA, 2003) refuta a maneira como são vistos os três pontos centrais do estruturalismo (a arbitrariedade do signo, a distinção *langue/parole* e a divisão entre sincronia e diacronia) e, dessa forma, expõe a essência do funcionalismo americano.

A arbitrariedade do signo é, para Givón, “uma triste caricatura da visão positivista e behaviorista (Saussure adotou o convencionalismo para caracterizar o signo lingüístico) do significado como referência externa” (MARTELOTTA, 2003: 24), pois, quando se analisa a língua em uso, verificam-se relações recorrentes na criação de novos rótulos para novos referentes. Nessa aceção, o falante vale-se do já existente para criar o novo. Para isso, recorre à motivação semântica e morfológica de Ullmann (*apud* MARTELOTTA, 2003), aos processos de composição e derivação e também ao processo de motivação fonética, cujo exemplo está nas onomatopéias.

Verifica-se que há motivação para a criação dos termos. A não-arbitrariedade, para os funcionalistas, também se estende à sintaxe, uma vez que a ordenação das frases possui caráter sequencial. A essas motivações, a abordagem funcional atribui o termo iconicidade, à qual se associam as relações existentes entre os elementos lingüísticos que compõem a sentença. O princípio da iconicidade está na existência de três subprincípios relacionados ao grau de integração, à ordenação dos segmentos (uma versão preliminar desse princípio foi nomeada por Jespersen (1949) como o princípio da realidade (*actuality*), segundo Cunha (*online* 2001) e à quantidade de informação. Quanto ao grau de integração, acredita-se que os conteúdos mais próximos são os mais integrados. A quantidade de informação remete à prática de que, quanto mais informativa for a sentença, mais complexa será a forma. A dupla negação em português (*Não vi nada não*) é exemplo desse subprincípio, pois o primeiro *não* (pré-verbal) sofre enfraquecimento fonético e esvaziamento semântico. Conforme Furtado da Cunha (*apud* MARTELOTTA, 2003), a segunda forma negativa tem motivação icônica por ser a informação imprevisível e por necessitar de maior codificação.

O funcionalismo tende a adotar visão pancrônica nos estudos

sobre gramaticalização, a partir da publicação dos trabalhos de Heine, Claudi e Hünemeyer, Traugott e Hopper, pois avaliam as relações sincrônicas, associadas aos estudos diacrônicos, tendo em vista o ato comunicativo.

Givón (*apud* MARTELOTTA, 2003: 28) cita algumas premissas para a visão funcionalista. São elas:

- a) a linguagem é uma atividade sociocultural;
- b) a estrutura serve a funções cognitivas e comunicativas;
- c) a estrutura é não arbitrária, motivada, icônica;
- d) mudança e variação estão sempre presentes;
- e) o sentido é contextualmente dependente e não-atômico;
- f) as categorias não são discretas;
- g) a estrutura é maleável e não-rígida;
- h) as gramáticas são emergentes;
- i) as regras de gramática permitem algumas exceções.

Não há um consenso na definição do termo gramaticalização. Os diversos autores que tratam do assunto fazem uso de diferentes perspectivas e de nomenclatura para conceituar esse processo. Desse modo, é possível encontrar designações como: gramaticalização, gramaticização, sintaticização, descoramento semântico, enfraquecimento semântico, desvanecimento semântico, reanálise, condensação, conforme afirma Heine *et alli* (*apud* NEVES, 1997). Alguns termos empregados designam, na verdade, apenas aspectos, princípios do processo. Adotar-se-á, neste trabalho, o termo *gramaticalização*, por ser o termo mais empregado.

Estudos sobre gramaticalização remetem à China do século X, mas é no século XX que Meillet (*apud* NEVES, 1997: 113) emprega o termo pela primeira vez e o define como “a atribuição de um caráter gramatical a uma palavra anteriormente autônoma”. Para esse autor, há dois processos de mudança gramatical: a analogia e a gramaticalização. Propõe também que há três classes de palavras: palavras principais, palavras acessórias e palavras gramaticais, havendo entre elas uma transição gradual. Tal transição estaria relacionada ao esvaimento de sentido e de forma.

Neves (1997) postula que a “definição clássica” de gramaticalização é dada por Kurylowicz “como processo em que se verifica a

ampliação dos limites de um morfema, cujo estatuto gramatical avança do léxico para a gramática, ou de um nível menos gramatical para mais gramatical, isto é, de formante derivativo para formante flexional.” (KURYLOWICZ, *apud* NEVES 1997: 115).

Castilho define esse processo como

o trajeto empreendido por um item lexical, ao longo do qual ele muda de categoria sintática (= recategorização), recebe propriedades funcionais na sentença, sofre alterações morfológicas, fonológicas e semânticas, deixa de ser uma forma livre, estágio em que pode até mesmo desaparecer, como consequência de uma cristalização externa. Esse trajeto se dá tanto no tempo real quanto no tempo aparente. Num sentido mais amplo, a gramaticalização é a codificação de categorias cognitivas em formas lingüísticas, aí incluídas a percepção do mundo pelas diferenças culturais, o processamento da informação, etc. (1997: 7).

Castilho (1997) comenta estágios ou fases do processo de gramaticalização conforme estudos de Lehmann (*apud* CASTILHO, 1997). Seriam eles a sintaticização, a morfologização, a redução fonológica e o estágio zero, que ocorre simultaneamente com as alterações semânticas:

Sintaticização: recategorização sintática e categorização funcional (estudo da atribuição de propriedades funcionais).

Morfologização: criação de formas presas, sejam afixos flexionais, sejam afixos derivacionais.

redução fonológica: fusão de formas livres, transformando-se em formas presas (ex: formação do futuro das línguas românicas)

estágio zero: desaparecimento de um morfema e reinício do processo de gramaticalização por meio de uso de expressões perifrásticas para representar o conceito cuja forma desaparecera.

alterações semânticas: relações metafóricas e metonímicas: a metáfora evoca mudança de sentidos, havendo um processo cognitivo e a metonímia evoca mudança de sentido, porém associada a processos estruturais.

Há, ainda, a busca por princípios que regeriam a gramaticalização por parte de alguns autores. Lehmann (*apud* CAMPOS, *online* 2005) propôs cinco princípios:

- a) **Paradigmatização:** as formas tendem a organizar-se em paradigmas;
- b) **Obrigatorização:** as formas tendem a tornar-se obrigatórias;
- c) **Condensação:** as formas tendem a torna-se mais curtas;
- d) **Aglutinação/coalescência:** as formas adjacentes tendem a agluti-

nar-se;

e) **Fixação**: ordens linearmente livres tendem a tornar-se fixas.

Entretanto Hopper (*apud* NEVES, 1997) critica Lehmann, anunciando que esses cinco princípios seriam, na verdade, “tendências” que serviriam apenas para estágios avançados de gramaticalização. O autor postula, então, outros cinco princípios, nas palavras de Campos (*online* 2005):

a) **Estratificação**: existência de camada em um domínio funcional;

b) **Divergência**: permanência de forma lexical original como um elemento autônomo, suscetível de sofrer as mesmas mudanças que qualquer outro;

c) **Especialização**: a forma gramaticalizada adquire um novo matiz semântico, mais geral;

d) **Persistência**: permanência de traços do significado da forma original;

e) **Descategorização**: a nova forma assume atributos das categorias secundárias.

Poggio (2004) esclarece que, para Hopper, é necessário aplicar esses cinco princípios a fim de verificar se uma forma está mais gramaticalizada ou não.

Castilho (1997) também aponta quatro princípios: analogia, reanálise, continuidade e unidirecionalidade.

Foram utilizados, como *corpora* desse trabalho, 512 *Cantigas d'Amigos* galego-portuguesas (doravante CAGP), escritas entre os séculos XII a XIV, por diversos trovadores, e 17 textos retirados do livro *Composições para meus amigos* (doravante CMA), de Paulo Venturelli. A seleção das cantigas como parte dos *corpora* deve-se ao estudo de um projeto maior sobre o léxico medieval português. A par disso, a escolha do livro foi feita por tratar-se de uma coletânea de composições dedicadas a amigos do autor.

Nas CA, foi feito o levantamento da ocorrência da forma *nulho* e de suas flexões, uma vez que essa forma apresenta, entre tantos significados, o de “nenhum”. Segundo Nunes (1928), *nulho* era um adjetivo, classificação que será adotada neste trabalho, visto que as cantigas aqui analisadas são retiradas da edição crítica realizada pelo filólogo, embora outros estudiosos considerem *nulho* um pronome indefinido (HAUY, 1994; MATTOS E SILVA, 1994).

Há também o levantamento da forma *nen hun/nen hũa*, pois esses pronomes foram encontrados nas CA com o significado de *nenhum* (a). A necessidade da análise dessas ocorrências se deve aos princípios ou camadas a que Hopper faz alusão. Para o funcionalista, duas formas, em determinadas camadas do processo de gramaticalização, podem coexistir. A observação do adjetivo *nulho* e do pronome *nen hun* faz-se interessante ao se considerar esse postulado.

O levantamento das ocorrências da forma atual *nenhum* (a) foi realizado nas 17 produções das CMA. Nos exemplos dessas cantigas, ocorrem as indicações pelos números romanos e os versos, pelos algarismos arábicos. As CA são introduzidas pelos títulos seguidas pelos fragmentos exemplificadores.

O PRONOME *NENHUM* NAS GRAMÁTICAS

Bechara (2004), bem como Cunha (1986), afirma que a aplicação dos pronomes indefinidos (entre eles, *nenhum*) se faz quando eles se referem à terceira pessoa e denotam sentido vago ou quantidade indeterminada.

Entre os pronomes indefinidos, há ainda uma distinção entre os indefinidos substantivos, como *alguém, ninguém, tudo, nada, algo, outrem* e os pronomes indefinidos adjetivos, como *cada, nenhum, outro, um, certo, qualquer, algum*. Cunha (1986) ressalta, ainda, que esses pronomes adjetivos podem, em alguns casos, ser empregados como pronomes substantivos.

Observando o comportamento sintático da forma *nenhum* no português contemporâneo, verifica-se que ele “reforça a negativa *não*, podendo ser substituído pelo indefinido *algum*” (BECHARA, 2004: 196).

O autor afirma que, quando não se enfatiza a negação, o pronome *nenhum* aparece anteposto ao substantivo e, quando se deseja enfatizar, o pronome surge posposto ao substantivo. Para Cunha (1986), quando o pronome *nenhum* é reforçado por negativa, passa a ter sentido igual ao indefinido *um*. FURTADO DA CUNHA (online 2001) aborda essa questão da chamada dupla negação da língua portuguesa:

Nas línguas românicas, contudo, a negação é freqüentemente expres-

FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

sa por dois morfemas negativos simultâneos, um precedendo e o outro seguindo o verbo, a assim chamada negativa dupla. Em geral, explica-se essa tendência como sendo motivada pela carga comunicativa "pesada" do morfema negativo, que transmite uma parte importante da mensagem. Haveria, assim, uma paridade entre marcação morfológica e marcação semântica ou pragmática. Dryer (1989) argumenta que o uso da negativa dupla fornece um caminho para a mudança na posição negativa se o morfema originalmente obrigatório mais tarde se torna opcional, como está acontecendo com o *ne* pré-verbal do francês. (...) Dado que atendem à mesma pressão discursiva, as negativas pré-verbal, dupla e pós-verbal estão em algum tipo de variação. Essas três formas se originaram em épocas diferentes no passado: a negativa pré-verbal é a mais antiga, seguida pela negativa dupla e finalmente pela negativa pós-verbal

OS RESULTADOS

As seguintes tabelas ilustram os resultados obtidos a partir dos dados coletados:

Tabela 1: Formas sem partícula negativa no sintagma

FORMA	OCORRÊNCIA	PERCENTUAL
<i>Nen hun/nen hũa</i>	5	50%
<i>Nulho/nulha</i>	9	25%
<i>Nenhum/nenhuma</i>	6	21%

Tabela 2: Formas com partícula negativa no sintagma

FORMA	OCORRÊNCIA	PERCENTUAL
<i>Nen hun/nen hũa</i>	5	50%
<i>Nulho/nulha</i>	27	75%
<i>Nenhum/nenhuma</i>	15	72%

Tabela 3:**Formas pospostas ao verbo sem partícula negativa no sintagma**

FORMA	OCORRÊNCIA	PERCENTUAL
<i>Nen hun/nen hũa</i>	2	20%
<i>Nulho/nulha</i>	5	13%
<i>Nenhum/nenhuma</i>	Ø	00%

Tabela 4: Formas pospostas ao verbo com partícula negativa no sintagma

FORMA	OCORRÊNCIA	PERCENTUAL
<i>Nen hun/nen hũa</i>	3	30%
<i>Nulho/nulha</i>	11	30%
<i>Nenhum/nenhuma</i>	15	72%

Tabela 5: Formas antepostas ao verbo sem partícula negativa no sintagma

FORMA	OCORRÊNCIA	PERCENTUAL
<i>Nen hun/nen hũa</i>	3	30%
<i>Nulho/nulha</i>	4	11%
<i>Nenhum/nenhuma</i>	6	28%

Tabela 6: Formas antepostas ao verbo com partícula negativa no sintagma

FORMA	OCORRÊNCIA	PERCENTUAL
<i>Nen hun/nen hũa</i>	2	20%
<i>Nulho/nulha</i>	16	44%
<i>Nenhum/nenhuma</i>	Ø	00%

Ao observar as tabelas 1 e 2, verifica-se que a forma *nen hun/nen hũa* (masculino e feminino) ocorre igualmente na presença (a) ou na ausência (b) de partículas negativas (*non*, *nunca*). Além disso, ocorre o parco emprego dessa forma arcaica, se comparada à forma *nulho (a)*, cuja ocorrência total é de 36 vezes contra 10 vezes da primeira.

a: CCXXI, 6, 12, 19: *nen hun* cantar que fizesse por mi

b: CCCCXXXVIII, 9: bem, pois nasceu, nunca *nen hũa* vez

A forma *nulho (a)* ocorreu 27 vezes acompanhada por partículas negativas como *non*, *nunca*, *nen*, *sem*, *mal* (ex. c). Constata-se, nesse caso, que a ocorrência dessa lexia está associada, mais frequentemente, à presença de outros elementos que indiquem negação, remetendo à dupla negação do português atual, conforme tabela 2.

No entanto é preciso ressaltar que foram encontradas 6 ocorrências dessa forma arcaica sem a existência de outras construções de valor semântico negativo, segundo a tabela 1. O exemplo **d** ilustra isso:

c: CXLVIII, 22: non m'ousar *nulha ren* dizer

d: CCCCLII, 5: de *nulha ren* gasalhado

As 21 ocorrências do atual pronome indefinido *nenhum* (a) estão associadas a dois condicionamentos. Um deles é a presença de elementos negativos no mesmo sintagma em que há o pronome *nenhum*. Isso implica que esse pronome está posposto ao verbo (ex. **e**), conforme tabela 4:

e: O menino olha: ...quando ali não tinha *nenhuma* roupa para quorar.

Outro condicionamento para a ocorrência do pronome *nenhum*, de acordo com a tabela 5, revela que, quando há a anteposição do pronome *nenhum* em relação ao verbo, não se constata a presença de outros elementos negativos no mesmo sintagma (ex.f):

f: Menu familiar: *Nenhum* irmão lançava ao mais velho um olhar direto.

Observando as tabelas 3 a 6, verifica-se que apenas o pronome indefinido *nenhum* (a) possui regularidade em sua ocorrência. As demais formas ainda não apresentavam na fase arcaica do português um padrão de ocorrência definido, pois há oscilação no posicionamento do termo no sintagma.

A forma *nen hun/nen hũa* aparece, de forma regular, tanto posposta quanto anteposta ao verbo, havendo ou não a presença de outros elementos negativos na mesma sentença. Os exemplos **g**, **h**, **i**, **j** corroboram a afirmação feita:

g: CCCVIII, 22: non lhi façades nunca *nen hun* bem

h: CCXXXI, 6, 12, 19: *nen hun* cantar que fizesse por mi

i: CCXXXI, 17: pero que mi-o[a mi] *nen hun* non disse

j: LXXXVII, 4: Defendeu-mi que por *nen hũa* ren

A forma *nulho(a)* assemelha-se à forma também arcaica *nen hun*, ocorrendo em diferentes posições com relação ao verbo, havendo ou não outros elementos negativos no mesmo sintagma. Entretanto a forma em questão apresentou uma maior regularidade quanto à

presença de partículas negativas acompanhando-a no mesmo verso, conforme os dados dispostos nas tabelas 4 e 6. Os exemplos **l** e **m** ilustram essa ocorrência:

l: CCCCLXIX, 9: nen mi sab'oje *nulh'*ome dizer

m: XXXV, 5, 11, 17: que non fosse per *nulha ren*

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Verifica-se, mediante as observações feitas nessa análise, que, no português arcaico, ainda não havia uma regularidade para a ocorrência das formas *nulho* e *nen hun/nen hũa* em uma determinada posição do sintagma. Observa-se que essa não-regularidade entre as formas arcaicas ilustra que havia ocorrência concomitante, não havendo ainda uma sistematização para o seu uso. As formas não eram usadas em situações estanques. Remetendo-se ao fenômeno da gramaticalização, pode-se afirmar que, de acordo com Hopper (*apud* CASTILHO, 1997), a forma *nen hun/nen hũa* encontra-se no nível da estratificação, pois ocorre concomitantemente com a forma *nulho*, que, até então, é a forma mais freqüente no período, de acordo com o que foi observado nas cantigas. Haury faz uma ressalva sobre o indefinido *nulho*:

Figurava com muita freqüência na poesia dos trovadores (...). Não parece ter sido longa a sua vida e em seu lugar ficou *nulo*, de significado e emprego um tanto diversos, pois, enquanto o arcaico era sinônimo de “nenhum” e antecedia o substantivo, o de hoje vale por “de nenhum valor”. (1994: 58).

No entanto é preciso salientar que a poética não constitui a fonte mais adequada para verificar e confirmar a real posição ocupada por um termo na sintaxe de uma língua, dada as inversões comuns a esses tipos de texto, tendo em vista a preocupação com a rima. Desse modo, são necessárias outras pesquisas nesse âmbito, a fim de confirmar o exposto nesse artigo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 37ª ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.
- CAMPOS, L. S. *A gramaticalização do não como prefixo no português brasileiro contemporâneo*. Disponível em www.prohpor.ufba.br Acesso em: 13 maio 2005.
- CASTILHO, A. T. de. A gramaticalização. *Estudos Lingüísticos e Literários*, Bahia, n.19: 25-63, 1997.
- CUNHA, C. *Gramática da língua portuguesa*. 11ª ed. Rio de Janeiro: FAE, 1986.
- FURTADO DA CUNHA, M. A. O modelo das motivações competidoras no domínio funcional da negação. *Revista Delta – Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada*, v.17, n. 1, São Paulo, 2001. Disponível em www.scielo.com.br Acesso em: 5 setembro 2005.
- HAUY, A. B. *História da Língua Portuguesa*. Ática, 1994 (Série Fundamentos, v.1. Séculos XII, XIII e XIV).
- MARTELOTTA, M. E. (Org.). *Lingüística funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- MATTOS E SILVA, R.V. *Português arcaico: morfologia e sintaxe*. São Paulo: Contexto; Salvador: Edufba, 1994.
- NEVES, M. H. M. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- NUNES, J. J. *Cantigas d'Amigo dos trovadores galego-portugueses*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1926-1928.
- POGGIO, R. M. G. F. Considerações sobre a gramaticalização da forma verbal de futuro do latim ao português. In: COSTA, S. B. B.;
- VENTURELLI, P. *Composições para meus amigos*. Curitiba: Ed. do autor, 1997.